

1. TÍTULO DA MESA

ANÁLISE QUALITATIVA E ANÁLISE QUANTITATIVA NO EXAME PSICOLÓGICO: IMPLICAÇÕES PARA A PESQUISA E A PRÁTICA

2. COORDENADORA

Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Email: cvilhena@uol.com.br

Telefone: (011) 96522861

Fax: (011) 36708320

3. TÍTULOS DOS TRABALHOS

- MENSURAÇÃO X COMPREENSÃO: ORIGENS, TRANSFORMAÇÕES E PRESSUPOSTOS DOS INSTRUMENTOS DE EXAME PSICOLÓGICO. Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

- PROCESSO DE RESPOSTA AO RORSCHACH: CONTRIBUIÇÃO PARA COMPREENDER OS MECANISMOS PSICOPATOLÓGICOS DE PACIENTES COM TOC. Maria Cristina Petroucic Rosenthal (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

- RACIOCÍNIO CLÍNICO E INSTRUMENTOS DE EXAME PSICOLÓGICO: ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO WISC. Maria Elisabeth Montagna (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

4. RESUMO SOBRE A MESA

Destaca-se a importância da análise qualitativa nas técnicas do exame psicológico usadas no contexto clínico e em outros nos quais as decisões afetam de modo significativo a vida dos examinandos. São explicitadas as diferenças históricas e epistemológicas entre as abordagens nomotéticas e idiográficas, e ilustra-se o valor da análise qualitativa das respostas ao Rorschach de pacientes com TOC, e o exercício do raciocínio clínico na análise de respostas ao WISC.

5. RESUMOS DOS TRABALHOS

MENSURAÇÃO X COMPREENSÃO: ORIGENS, TRANSFORMAÇÕES E PRESSUPOSTOS DOS TESTES PSICOLÓGICOS. Maria Cecilia de Vilhena Moraes Silva (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Desde sua criação, os testes psicológicos têm sido usados em diferentes contextos, subsidiando decisões que afetam a vida de muitas pessoas. Seu uso adequado tem, como condição fundamental, o devido conhecimento dos pressupostos teóricos e epistemológicos e das limitações desses instrumentos. O objetivo desta apresentação é explicitar tais pressupostos e demonstrar que a designação genérica “testes psicológicos” é inadequada para abrigar a diversidade de instrumentos do exame psicológico existentes. Com base em Pierre Bourdieu, considera-se o conhecimento científico como uma atividade social. A conformação de um campo científico é resultado da configuração das forças que o compõem e de seus respectivos pesos em um dado momento histórico. Tendo isso em vista, procura-se recuperar a trajetória de dois dos principais atores do campo do exame psicológico, o inglês Francis Galton e o francês Alfred Binet, abordando o contexto pessoal, social e histórico em que desenvolveram suas obras. Galton desenvolveu uma carreira pautada em interesses alinhados às áreas mais promissoras em termos de prestígio social de sua época. Suas contribuições para a Psicologia limitam-se à psicométrie, particularmente técnicas estatísticas, desenvolvidas sem qualquer vínculo anterior do autor com as ciências humanas. Criou “testes mentais”, estritamente quantitativos e nomotéticos, num esforço de Galton para comprovar cientificamente suas teses eugenistas – uma desesperada tentativa de agradar aos darwinistas, grupo de destaque no meio científico. Alfred Binet construiu seu patrimônio científico ao longo de toda a vida; após trabalhar com Charcot, interessou-se pela compreensão da mente humana e contribuiu significativamente para o estudo do desenvolvimento infantil. Sua escala de inteligência foi criada como resposta a uma demanda do Ministério da Educação da França, e fundamentou-se em anos de observação do comportamento infantil. Binet, equivocadamente referido por muitos como o “criador do QI”, considerava o exame psicológico como uma situação de observação, valorizando a análise qualitativa do desempenho do indivíduo, uma vez que este só poderia ser compreendido em sua singularidade. As contribuições desses dois autores europeus fundiram-se com a introdução da escala de Binet nos Estados Unidos, onde o instrumento passou a ser aplicado em grande escala e com propósitos absolutamente contrários às ideias originais do autor. Tem início a “era dos testes”, com a ampliação do método psicométrico para a investigação da personalidade, particularmente nos EUA. A partir desses dados, discute-se a conformação do campo do exame psicológico e os usos sociais a que se prestou. Procura-se diferenciar técnicas idiográficas e testes psicométricos, explicitando os pressupostos subjacentes a essas duas abordagens ao psiquismo; discutem-se também alguns fatores que podem explicar a valorização do quantitativismo e da abordagem estritamente psicométrica nos dias de hoje, com grande prejuízo para as técnicas clínicas, e as forças que têm contribuído para a conformação do campo do exame psicológico no Brasil. Por fim, destacam-se as implicações práticas dessas visões e a insuficiência da psicométrie para assegurar que instrumentos voltados para a investigação mais profunda da personalidade em sua complexidade, e aspectos importantes da formação do psicólogo para o uso adequado dos instrumentos do exame psicológico.

PROCESSO DE RESPOSTA AO RORSCHACH: CONTRIBUIÇÃO PARA
COMPREENDER OS MECANISMOS PSICOPATOLÓGICOS DE PACIENTES
COM TOC. Maria Cristina Petroucic Rosenthal (Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo)

O objetivo deste trabalho é ilustrar, por meio de pesquisa sobre variáveis do Rorschach estudadas em pacientes com transtorno obsessivo (TOC), como os mecanismos psicopatológicos desse quadro clínico são elucidados e ganham maior visibilidade quando os resultados quantitativos são suplementados com a análise qualitativa do processo de resposta a essa prova. A seleção inicial da casuística apoiou-se em prontuários médicos, entrevistas e escalas objetivas, visando à composição de dois grupos de pacientes: graves (G1) e leves (G2). O foco do estudo foram as Verbalizações Inusuais, descritas por Exner como elementos importantes no estudo da atividade cognitiva. O G1 mostrou média significativamente mais elevada que o G2 em: 1) soma global das Verbalizações Desviantes (WSum6); 2) conjunto de respostas classificadas como Nível 2 de severidade e c) Respostas Desviantes de Nível 2. O estudo exploratório evidenciou índice de conteúdos mórbidos e disfóricos (MOR) significativamente maior no G1. Para maior compreensão da heterogeneidade fenomenológica do TOC em sua expressão em cada indivíduo, os casos foram submetidos à análise qualitativa do processo de resposta, o que evidenciou um ponto em comum em todos os pacientes do grupo grave: alteração nas funções executivas, envolvendo a essência do processo de tomada de decisão do indivíduo. Em todos os protocolos, a reverberação e a recorrência de conteúdos intra e inter-cartões demonstraram o aspecto intrusivo de tais elementos e a dificuldade de seletividade, inibição e controle mental sobre os mesmos. A liberação de comentários do tipo “em todas as pranchas eu veria...” revela os constantes choques entre a força dos conteúdos que se impõem à consciência e o esforço do indivíduo em manter-se atrelado à instrução da prova – que requer toda uma sequência complexa de passos: manutenção do foco da atenção aos estímulos da prova, sua decodificação e processamento viso-verbal, acesso seletivo ao repertório semântico e finalmente a tomada de decisão e sua expressão por meio da fala. Observou-se que a flexibilidade mental fica comprometida, pois reajustes, revisões e adaptações à tarefa são impedidas pela força das intrusões. Aspectos da dinâmica paciente-examinador também se destacaram, particularmente a dificuldade dos pacientes em optar por uma única resposta dentre alternativas. A auto-observação cuidadosa por parte do examinador foi essencial para o manejo de aspectos contratransferenciais gerados pela enorme ansiedade do paciente em finalizar sua resposta ao cartão. Os resultados são compatíveis com a literatura neuropsicológica sobre TOC quanto a alterações nos circuitos tálamo-gânglios da base-frontal que envolvem funcionalmente as funções executivas. O número elevado de respostas com MOR corrobora a frequente comorbidade de TOC com depressão. O Rorschach permite o acesso às diversas manifestações psicopatológica em um quadro heterogêneo como o TOC, mas, principalmente, à forma como estas se manifestam em cada indivíduo, trazendo consigo enorme angústia e sofrimento.

RACIOCÍNIO CLÍNICO E OS INSTRUMENTOS DE EXAME PSICOLÓGICO: ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO WISC. Maria Elisabeth Montagna (PUCSP)

O objetivo deste trabalho é ressaltar os fundamentos dos recursos de interpretação e análise, aqui recortados no uso dos instrumentos de avaliação psicológica chamados de psicométricos, e ampliar os conceitos para além de abordagens específicas. A partir da análise de um psicodiagnóstico, mostra-se como o raciocínio clínico está na base do pensamento da Psicologia, não se limitando aos testes e técnicas de avaliação, nem deles desvinculado. O raciocínio clínico permite o conhecimento e a compreensão mais profunda dos processos psicológicos respeitando a configuração singular do cliente. A construção desse raciocínio é tanto mais rica e extensa quanto mais o psicólogo percebe os processos envolvidos em sua complexidade. No psicodiagnóstico, o uso de instrumentos com questões objetivas fornece amostras, mais referenciadas por parâmetros externos, de como a pessoa se sai no enfrentamento de situações. Nessas respostas, é possível perceber quais são os recursos pessoais mobilizados, e em que grau, para além dos processos mentais específicos das operações lógicas propostas. Neste trabalho, demonstra-se como a organização da pessoa pode ser conhecida nessas situações. A título de ilustração, é comentado um atendimento clínico de psicodiagnóstico, com ênfase na análise das respostas do WISC e no estabelecimento de pontes do raciocínio clínico que sustentam a compreensão do caso. As relações entre as hipóteses levantadas a partir das respostas ao WISC são posteriormente confirmadas com dados de observação, além de outros dados obtidos de fontes diversas.